

PRÓXIMAS EDIÇÕES

Estão em preparo para um próximo lançamento, talvez em agosto, os seguintes livros como edições próprias:

COLÓQUIO TEUTO BRASILEIRO e SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA (coordenação de Gilberto Freyre, sendo o último em dois volumes);

HISTÓRIA DA IMPRENSA — 7.º volume. — Luiz do Nascimento.

HISTÓRIA DO ENSINO MÉDICO EM PERNAMBUCO — Leduar de Assis Rocha.

A PROBLEMATICA AGROPECUÁRIA DE PERNAMBUCO — Manoel Correia de Andrade.

VELHA E NOVA CIÊNCIA DO DIREITO — Nelson Saldanha.
BRASIL/USA — (Tese) — George do Rego e

QUADROS HISTÓRICOS DO DIREITO BRASILEIRO — Luiz Delgado.

Circularão igualmente ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS, MEMÓRIAS DO INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS e CATÁLOGO DA EDITORA UNIVERSITÁRIA.

O Rei Póstumo

PERSONAGENS

Arthur, Rei da Bretanha

Sir Lancelot do Lago

Guinevere, a Rainha

Merlin, mágico e Conselheiro

Príncipe Tássio, da Ilíria

Idrian de Hipnos, médico e mágico

Cedric, bobo da Corte

Oficiais e guardas do Palácio; a gente da Taberna
e dois coveiros

RESUMO DAS CENAS

Ato I

Cena única. O aposento real, *setor 1* (à direita); pelas referências do texto, é no meio da tarde.

Ato II

Cena 1. O salão do trono, *setor 2* (no centro do palco); quase no fim dessa tarde — com som e menção de chuva.

Cena 2. Uma taberna, *setor 3* (à extrema esquerda) na noite do dia seguinte.

.....

O aposento real, na mesma noite.

Estudos de cena e vestuário desenhados por ALBERTO CAVALCANTI

FRAGMENTO DE UMA EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS
REQUERIDA AO AUTOR

(...) Não escrevi “O Rei Póstumo” apenas porque acreditasse — como acredito — que o Teatro brasileiro necessite de mais caminhos, e, no entanto, se é necessário uma explicitação de motivos, seria essa minha melhor razão, referente a um texto que foge, creio, a noventa e nove por cento do que é aguardado e “aguardável” no âmbito de nosso Teatro e nossa *inspiração* — essa velha palavra.

Mas, note-se bem, não é uma forma de auto-elogio esse registro de uma diferença (tudo que ela é, realmente: diferença), no sentido de “anormalidade”, de caminho que se torce 180 graus, mas nem por isso é o melhor, nem o pior. Não se sabe. Ou se sabe somente isso: não é o caminho de sempre.

Foi escrito. Mas não foi escrito *para, por* ou *pelo*. Ou *em*, ou *no*. Não houve policiamento, direção ou pudores de ser ou não ser brasileiro, como texto. Foi escrito, repito.

Trilhei, por meus pés, meu próprio descaminho. E a liberdade disso, como toda Liberdade, será sempre o prêmio verdadeiro — o primeiro — tão fácil, tão difícil, porque é dado, obscuramente, pelo *eu* a si mesmo.

E o resto, meus senhores, “é um segredo que não é para se contar...”

Chamai, chamai o pintarroxo e a carriça
que, de hábito, planam sobre os ensombrados bosques
e com folhas e flores costumam velar
os corpos insepultos de homens sem amigos.
Tangei, tangei às tristes exéquias
a formiga, o rato do campo e a toupeira
a fim de que ao morto afoufem a terra,
conservando-o morno,
e nada sofra quando violarem as covas frescas;
mas, o lobo, mantende esse à distância
— é adversário dos homens
pois, com suas garras, os desencava de novo.

JOHN WEBSTER

ATO I

O aposento real, à direita (setor 1). É um terço do palco, ocupado pelo leito de colunas, alto e maciço, com um banco largo ao lado — e que, na obscuridade, não se vê. Uma única tocha arde, mas muito acima. Mal se distingue, desse modo, a forma de um corpo deitado, a cabeça funda entre os travesseiros — o Rei Arthur no leito. Mas essa obscuridade, como o silêncio e a chama imóvel da tocha (e mais a quase completa escuridão no centro e à extrema esquerda do palco aberto) têm um valor próprio, nesse primeiro momento, e devem impor seu domínio sombrio da cena, até um limite razoável de expectativa.

Um homem entra, então — vindo da extrema esquerda (no escuro), e avança com lentidão, pisando de leve (e pára, hesita, etc.), acrescentando ainda mais vago ao todo. E é nesse movimento às escuras — mas sempre perceptível — que deve se produzir algum ruído, de certa estridência (uma taça — em que ele tropece — rolando no chão, por exemplo), ao que se segue o som de uma voz, vinda do leito:

ARTHUR: Quem . . . está aí?

LANCELOT (que se acerca, mais decidido e mais visível; veste uma túnica de cavaleiro, é jovem, mas de fisionomia dura, que uma barba cerrada, muito rente ao longo do queixo acentua): Lancelot, meu Rei.

Ilumina-se o centro do palco: o trono, rústico e poderoso, de velha madeira guarnecida de ferros, sobre um *estrado* de pedra, em degraus. Ali, um outro Arthur, de pé, olha na direção de Lancelot. Nenhum traço de irreal, na apresentação desse personagem, deve antecipar que é a figura do monólogo interior, Arthur-consciência, cujo *tom* será dado, principalmente, pelo texto, a partir da entonação remota, contrapontada por se dirigir, às vezes, a um Lancelot que nada percebe. Na roupa (o longo e áspero *camisão* do século XII — sob um manto adornado nas barras, com pelo ou bordado, mas sendo, esse, o único si-

nal da realeza, além da coroa que cinge discretamente a cabeça), na mobilidade, no comportamento total, é um Arthur *verdadeiro*, que os demais nunca verão, sem que isso signifique movimentar-se como um fantasma. Tem uma barba grisalha, quadrada, e deve ser indefinível entre velho e moço, no entanto. Não é uma figura severa, mas longínqua, e vem como de um infinito cansaço aquilo que diz, sentando-se no tronco, ainda fixo em Lancelot, mas se dirigindo a ninguém precisamente:

ARTHUR: Lancelot.

Quanto de minha vida — anos, dias... (não é hora do convencional medir) — apenas quanto, quanto!, voltando, porque um nome vai e chama mais que a sua parte...

Veio a isso Lancelot?

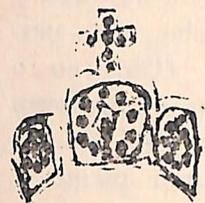
Para fazer-se ouvir muito longe, onde a memória se apaga desses sons que lançamos à pedra das paredes, ou ao vento, inutilmente? Lancelot!

— com o exclamativo ódio, com amor, mortal música... Como queres ouvir, quando já não quero dizer? Quando já não é hora, também, do banal sentimento... De subir, ainda, seus degraus gastos, e contemplar a paisagem que criamos apressadamente, descer e dormir.

Ao menos agora, quero não ouvir tanto alarido porque estamos vivos, para provar que estamos vivos, e assim continuar, nessa dádiva duvidosa.

À bem-vinda imobilidade do corpo — velha forma cansativa, estreita e úmida como a marmorra — quero juntar a do mundo à minha volta, respeitando o silêncio que se deve fazer em torno de um moribundo, porque esse homem já é um pouco mais do que sua febre e seus excrementos, recolhidos no vaso.

E sua vida irremediável, numa estranha aura de glória e fracasso, atrai uma medrosa curio-



Arthur

sete
cinquenta



sidade, fascina e susta o passo a um metro do leito de morte.

Por isso, Lancelot, o teu nome vem me perturbar. Ainda me alcança no caminho, meio percorrido, e me devolve a Arthur (Oh!, eu o queria... E que até os espelhos devolvessem o meu rosto — aquele primeiro que lhes entreguei) — e eu te agradeço tanto quanto te amaldiçoô:

— a Arthur me devolveste, mas ao que não era Arthur também...

Esse que se acerca contigo; que fez parte, vorazmente, da vida — sempre com um gesto brusco, de interdição, para com o outro, seu gêmeo melancólico, a quem queria deixar livre, ao menos, o território de minha morte — esse caminho único para a região de que ele foi desterrado.

E são dois por onde ir, agora, com tua chegada e, de novo, a encruzilhada (como são duas faces, sempre)...

Nesse momento, mesmo, sob a luz incerta, vejo tua fronte alta, generosamente atormentada, mas que sei das covas dos olhos, mundos escuros — e desconfio de um levíssimo sorriso que acompanhou o som de tua voz, como uma presença anterior, muda na tua aproximação, de passos aéreos, até que perguntei e te anunciaste, modulando tuas três sílabas, sabendo o efeito preciso, que não falhou nunca. E que eu queria te ter, Lancelot, assim como Guinevere, o tempo todo ao meu lado — todas as vezes que conseguisse refrear o exigente desejo de expulsá-los.

Um sorriso não visto... Sua sombra talvez, que ainda ficou, um instante, como a de uma rápida nuvem sobre o lago sempre límpido ao primeiro olhar...

Pode, a memória, a partir disso, voltar a seus

restos ainda mais diluídos, forçar-se a ouvir, perscrutando, (feiticeira inábil e confusa, que apresenta seu truque de vidros), ir aonde acha que guardou voz semelhante ou parecida, tentar reviver seu eco inaudível, e comparar... E chegar a um veredicto sobre essa que já se evoluiu:

“Era a voz cristalina do amor e da amizade mantidos”... ou “Quem falou foi a traição do amor que se oblíqua para um ódio nunca adormecido”...

E já não importa mais — se, agora, alguma chama se agita e a visão, mesmo nublada, distingue, no claro-escuro, esse rosto que vaga... como uma efígie que fará sua vítima, no altar de uma adoração obscura, profana e nunca banida — adoração de imagens, fé rude e brusca, que subjuga a vida.

Aproxima-te, Lancelot, dessa luz favorável ao velho sacrifício do coração simples — cerimônia escondida, celebração de um fascínio, algum frágil mito que ia de mim para ti, e voltava... como tua semelhança distraída — e de consolo infindo — com a cabeça do anjo adormecido, que faz dormir no jardim.

Talvez isso, talvez mais.

É a solidão que tem de decifrar a si mesma... e, no entanto, aproxima-te.

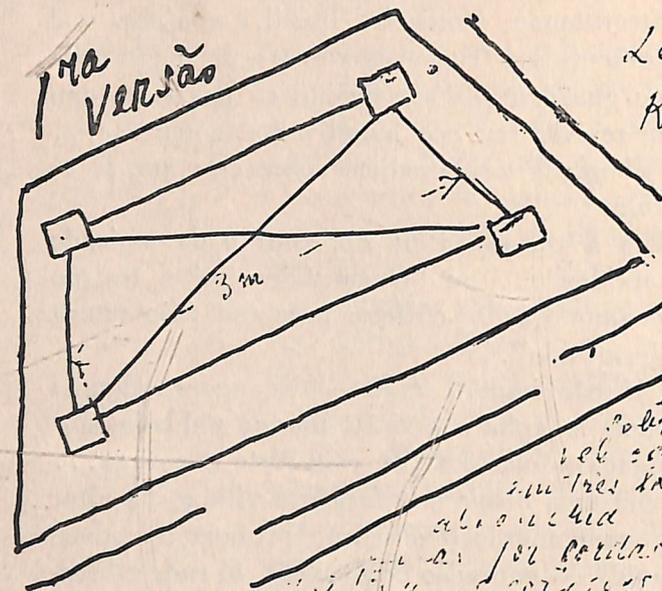
.....

Sem que haja, propriamente, indicações de cena para o *monologar* de Arthur, deve ficar claro — além do acento particular da voz interior — o essencial nessa, que é o recurso levado ao limite dos dois “Arthur”: o do leito e esse, consciência vovejante que se torna corpórea no palco.

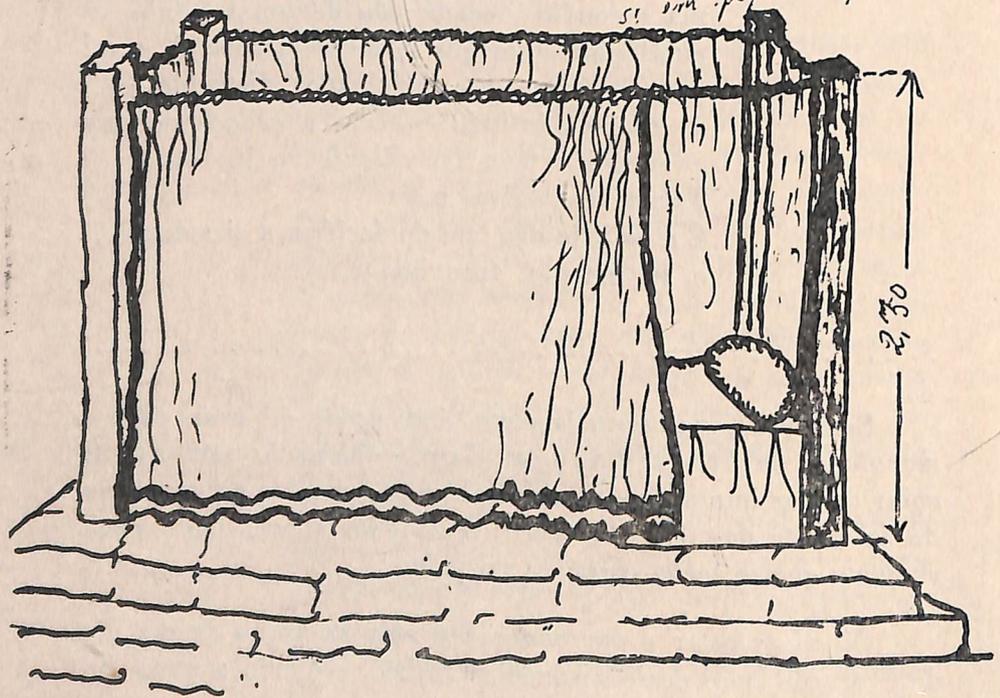
Objetivamente: o encenador e o ator no trono devem meditar a ação livre desse verdadeiro Arthur, segundo a pura sen-

1ª Versão

Leito do Rei Arthur



Como o trono, as quatro vigas de madeira, estão colocadas sobre uma fraldada vel com dezhas ad reb. em três lados, imitando a abocadura do vigas são li. as jo cordas grossas que são corações, todas são de cor. a parte na praticavel - se em pequena parte



sibilidade ao que seja demasiado — por se escapar... ou por concretizar-se além da medida. Um gesto a mais... ou a omissão daquele (ir do trono ao leito, que se mantém visível, sob uma luz azulada; chegar, mesmo, muito perto de Lancelot... etc.), aproveitando a presença física do ator para significar além dela. Enfim, nada pode ser deixado ao acaso nesse jogo de luz subjetiva que ultrapassa o efeito banal do “monólogo em off”. Este ator, de carne e osso, fala — e não *ouve*, somente, sua remota consciência (em off...), nem há imobilidade, rigidez e velha severidade de um espectro no palco, mas pelo contrário, a desenvoltura própria do pensamento que se examina.

É um equilíbrio apenas — mas difícil e, sem dúvida, fundamental à cena.

Penso em *Movimento Imóvel* (não fosse um paradoxo) como a pista e, talvez, a exata simplificação do que ela sugere finalmente.

Apaga-se a luz sobre Arthur, que deve estar sentado no trono. A cena volta, primeiro, à iluminação das tochas em torno do leito, à direita, enquanto Lancelot se movimenta como que continuando sua ação por um lapso parada no tempo e, logo a seguir, vai se iluminando esse setor do palco, que constitui “o aposento real”, até um tom de claridade prosaica, que nada obscureça. À volta do leito deve desaparecer o claro-escuro, a fronteira entre luz e sombra — e seu mistério, quase como se fosse evaporado pelo Lancelot claro e direto que, agora, preside a cena:

LANCELOT (depois de curvar-se um pouco, tocando na face do Rei, com um dedo que volta pegajoso): — Arthur, vejo que já te maquilaram, realmente... Disseram-me, eu não acreditei. Compor um homem ainda vivo, que idéia! — por mais certa que seja a morte próxima... como a tua, que deve ocorrer dentro em pouco, é verdade; mas, daí a... “antecipar” essa máscara... se até falaste, quan-

do entrei, ainda há pouco. Enfim, estás vivo. *(tem um leve sorriso, indefinível)*

Que pressa! — e que sem-cerimônia...

(volta-se para um largo banco, ou banquetta, próxima, onde estão alguns vidros e canecas — duas ou três garrafas, estranhas, tanto podem ser de remédio como de bebida — e cheira para averiguar, primeiro uma, depois outra, e a terceira lhe parece bebida)

Não é bem “sem-cerimônia”... É mais. *(olha diretamente para Arthur no leito, enquanto ainda cheira o conteúdo do vidro)*

Tu saberias achar a palavra — achava-as todas, e mais os belos pensamentos... sem a minha dificuldade nisso tudo.

(agora, decidido, pega numa das canecas e enche do líquido, para beber)

O que eu nunca perdi foram lebres, raposas, a potência, e uma mulher que fosse! *(bebe, depois de cheirar mais uma vez, e lhe parece bem)*

Sim!, a palavra é “mórbido”. É mórbido o que te fizeram. Mórbido. *(coloca mais da bebida)* “Mórbido”, hei de me lembrar, agora. *(bebe com gosto, desta vez)*

Mas já estás, de qualquer modo, composto para a morte, Arthur. E se os homenzinhos, cedo ou tarde, tinham que fazer o serviço... Não queriam se ocupar na hora da ceia, talvez — que é a hora em que, todos calculam, entregará a alma ao criador... E, o mais, aos homens comuns, como eu.

Vês? Concordo um pouco com os homens desse creme. *(senta-se num canto vago do banco, afastando uma caneca, e bebe da sua de novo)*

Sou também como um franco, comum e prático. E como devia ser? Chega de trocas. Estava eu mais à medida da Rainha e da Bretanha... E eras tu o homem que tinha ambas. Azar. *(bebe, com uma careta de desinteresse)*

Mas nem por isso achei o mundo em desordem. Um fica à margem — e poderia, também, fazer gemer a Rainha do mesmo modo, como usar a coroa (mandar apertá-la ou

Lancelot
do Lago



Manto e
gôsto azul

alargá-la talvez...), mas aprender a olhar como um Rei...
(*fixa Arthur*)

E seria o Rei, com efeito. (*levanta-se, faz um largo gesto*)
Todos homens comuns, na verdade — e até tu, Arthur.
Mas... se metem na cabeça, um dia — ou é algum mal
do fígado, quem sabe — essas dúvidas sem forma, que
fazem o gozo dos sábios, porque têm tal ocupação apenas!,
mas são mais homens comuns, esses, que escolheram ser
sábios, e disso comem!, mas não aproveitam muito...
(*e entusiasmando-se com o fio de seus próprios pensamentos, pousando a caneca no banco, dá uma meia-volta em direção a ninguém; voz baixa, mas veemente — inclusive com as mãos, livres*)

Oh, quanta complicação!, somente porque é uma vida vasta... e porque tem que ser uma coisa depois da outra: primeiro gozar, depois dormir... (ou há quem troque!); primeiro vestir, depois calçar (aí não há dúvida); primeiro comer e, depois, começar a ver em volta, como estão as caras de hoje...

(*agora olha diretamente para Arthur*) E é seguir nisso... Mas, qual!, essa conversa toda teria te espantado... Homem estranho.

(*sempre fixo no leito, dá um passo em direção do banco, onde de novo despeja, no caneco, mais bebida, e bebe — um gole rápido*)

Melhor seria que os Reis do futuro não fossem como tu, cheio de visagens... — ou o que seja, mas, com certeza, nada desse mundo, ou aqui inadequado. É a matéria que sempre tivestes para tão... altas esperanças... nunca foi nem um pouquinho melhor do que Lancelot.

Pobre Arthur! (*bebe, quase num brinde*)

(*Soa, nesse momento, uma voz de mulher, vinda de detrás do leito:*)

GUINEVERE: É de chorar!...

(*Aparece a Rainha, meio escondida por uma das grossas colunas da cama, ao fundo*)

LANCELOT: Guinevere!... Que fazias aí?!

GUINEVERE: Tentava ouvir. (*ela se aproxima*)

LANCELOT: A mim?

GUINEVERE: Não. Mas valeu, também, te escutar.

(*Olham ambos para Arthur a seguir, do mesmo tempo*)

LANCELOT: E essa máscara?... Quem...

GUINEVERE: (*muito tranquila*). Eu mandei.

LANCELOT: (*com surpresa, é evidente*) Tu mandaste?! Como se...

Como se...

(*Ela põe um dedo sobre sua boca*)

GUINEVERE: Hoje, no começo da manhã, ele tornou à consciência, por um momento, e chegou a se lembrar da tal mistura

LANCELOT: Mistura?!

GUINEVERE: A que estaria a caminho (*quase impaciente*)... uma receita de sábios...

LANCELOT: (*lembrando-se*) Ah, uma fórmula, enviada da Ilíria...

GUINEVERE: Dizem. E pelo Rei, ele próprio, que sempre quis tanto a Arthur...

LANCELOT: (*impaciente ele, agora*) Mas então, lembrou-se...

GUINEVERE: E até perguntou pela fama desse remédio. (*afasta-se dele um pouco*)

Que era “muito poderoso”... eu respondi. E que, talvez, chegasse ainda hoje ou amanhã...

(*enrijece o corpo um pouco*) Mandei, depois, que entrassem os homens, com seus cremes, para apagar-lhe uma ilusão que fosse.

(*ele começa a rodeá-la*)

LANCELOT: Mórvido!

(*estando quase por trás dela, abraça-a, de repente, beijalhe a nuca levemente e suas mãos sobem para lhe cingir os seios*)

LANCELOT: Sabes ir tão longe...

(*ela se entrega um tanto à carícia e, nesse momento, ouve-se passos e vozes, que vêm dos corredores. Algo aconteceu.*)

Entra Merlin, mágico e conselheiro da corte, acompanhado de dois pequenos corcundas, que lembram os pequenos monstros que teriam sido criados, por artifício de magia, na Idade Média, para o serviço dos mágicos que os “criavam”. Enquanto se desenvolve a cena, ficarão dando voltas e, em pequenos passos miúdos, às vezes se aproximando de Lancelot ou Guinevere, de pescoço torcido, olhando para cima. E às vezes ficam fixos, em nada precisamente.

MERLIN (olhando em volta, primeiro, e depois dirigindo-se à Rainha): Chegou o Príncipe da Ilíria, senhora.

GUINEVERE: (depois da natural surpresa)... O jovem Tássio?

MERLIN (assentindo): Ele é um homem que eu conheço, há muito, de ouvir falar. Chamam-no Idrian de Hipnos.

GUINEVERE: E o que mais?... O que trazem...

MERLIN: Não se pode saber, já. E... com Idrian, senhora, o que for, acredito que... surtisse efeito.

LANCELOT: Oh, que pena!... *(e olhando de Merlin para Guinevere:)* É o que devem saber, sem demora: que vieram muito tarde!

Merlin que, às palavras de Lancelot, deu um passo rápido para ver melhor no leito, se Arthur teria morrido, olha em direção de Lancelot, com certa censura, e depois para Guinevere:

MERLIN: Senhora, vão esperá-la no salão do trono. Mas quererão vê-lo *(faz sinal, com a cabeça, para o leito)*, depois. E não se pode dizer que “é tarde”, apesar dessa... máscara.

LANCELOT: Por que não?

MERLIN: Por que respira, que é quanto basta! — e não seria vós a dizer onde pára o poder de um mágico.

(E dirigindo-se à Rainha)

MERLIN: Mas algo, ao menos para o momento, deveis decidir, senhora. *(volta-se em direção da porta, fazendo menção de se retirar)*

GUINEVERE (dá um passo à frente): É um Príncipe da Ilíria... não se deve esquecer. E que veio, ele mesmo,

por vontade de seu pai, o Rei, trazendo a ciência desse homem...

(Merlin só espera ouvi-la e já vai transpondo a “porta” — qualquer lugar ao meio do palco, em obscuridade — quando Guinevere percebe e o chama:)

GUINEVERE: Espera, Merlin! O que dizes?...

MERLIN: (de onde está) É como colocásteis — há a prudente cortesia...

(volta-se e desaparece, seguido de seus monstros)

Guinevere esteve um tanto *suspensa* o tempo todo, desde a sua chegada com a notícia e se volta, completamente, já tarde para detê-lo:

GUINEVERE: Merlin!...

Lancelot aproxima-se dela.

LANCELOT: Guinevere... Na verdade, se... até mesmo durante isso de recebê-los, deixas passar um momento, será quase noite então... E, tudo, não se terá resolvido... ao que se prevê?...

Ela põe as mãos sobre a boca, entre divertida e espantada.

GUINEVERE: Oh, Lancelot! É difícil ser tão simples... e, no entanto, não é a solução?...

(acerca-se dele e coloca as duas mãos em torno de seu rosto; beija-o e, tocando-lhe no ombro, empurra-o, um pouco, para longe de si, no mesmo gesto)

Vai. Vai ter com Merlin, para depois descermos.

(Acompanha-o com os olhos e sorri, mal a porta se “fecha”)

GUINEVERE: (para si mesma) É no que me encantas: pensar sem sombra. Pensar... sem pensar, quase. *(olha em torno, e depois fixa o leito, um pouco rígida, com as mãos cruzando-se abaixo da cintura)*

Quanto a ti, que céu foi mais sombrio do que essa frente, cingida de pensar, pensar e pensar — como de uma coroa da noite?...

M.B. - Tocins as
 ocupas muito simples
 e os tecidos bastante
 baratos - Póser
 de cor branca, e azul
 verde, e laranja, e
 amarelo e vermelho
 e preto



Um fio de
 lã vermelha

Vestido
 azul

(faz uma pausa e, depois, como quem retoma interessê no que ia dizer, continua, para Arthur no leito)

Oh, essa odiosa vida lunar que levou teus olhos adentro, e deixou branco onde uma mulher deve se ver, ou outra encontrar... — mas *alguém!*, e algo, e não a sombra de nada... Como no céu, a luz de nada, o engano de estrelas...

Mas o céu e um tal olhar são como o mesmo líquido, dentro de um vidro.

Algum veneno, que eu odeio, está no fundo... Algum sonho escuro, que atrai um homem ao seu inverno, de longa pergunta, para a solidão responder.

(faz a mesma pausa)

E sempre ias ouvir.

Depois, já amavas ir, a essa Palavra oculta; viajar a tua estação fria, ao pleno sol do mundo.

E isso me incluía. Mas não era o pior — ou não era mais do que ter menos que um fantasma, como rival... que nem chegava a ser.

Mas, a carne (*toca em si mesma*), sob a lã, com sua memória própria, sabe de seu círculo somente, e não sabe esquecer... nem pode compreender distância e calor disso: — estar e não estar aqui, ausência bem ao seu lado. (*respira fundamente, e, de novo, entrelaça os dedos com força, com os braços rígidos até abaixo da cintura*)

Plantaste, tu, é o que eu te digo, essa minha abafada floração — de mato selvagem e o adocicado perfume...

Agora, colhe a flor noturna — na haste dura, há muito tempo ressecada.

Uma janela bate, com um vento de chuva.

CORTINA.

ATO II

CENA I

O salão do trono (centro do palco; trono e estrado de degraus).

Vindos da direita, um servo com um candelabro (ou tocha) e dois homens encharcados de chuva fazem entrada em cena, na obscuridade iluminada pela chama — e, eventualmente, por iluminação de efeito (sombra do trono, etc.), para se dar visibilidade mínima à ação. Um dos homens é jovem e seu traje de nobre tem um toque exótico, um tanto à Bizancio, e ele mantém uma espécie de gorro-tiara na cabeça (e não se descobrirá, o tempo todo — dessa e da cena 2), enquanto o outro, um velho de aparência austera, veste uma capa longa, “de médico”, que o envolve como um manto, tendo largas mangas. Traz um chapéu, de duas pontas, também característico, mas que retira, logo ao entrar.

Vê-se uma mesa rústica, sólida e longa, “ao comprido”, no lado esquerdo, enquanto, no centro; na semi-obscuridade já sugerida, podem ser vistos o estrado em degraus e o contorno do trono (o leito, à direita, está apagado e invisível naturalmente). Um pequeno banco (de sentar) já deve estar ao lado do trono, não interessando que seja visível.

O servo conduz os dois homens — dizendo alguma fala accidental (sobre a violência da chuva talvez) — e, em todo caso, ouve-se seu cair, grosso e contínuo, nesse início da cena, até que se sentam à mesa, onde o servo deixa o candelabro, afastando-se.

Do canto esquerdo (e um pouco do fundo), agora, surgem dois oficiais do palácio, encaminhando-se para o mais jovem dos homens:

OFICIAL: (fazendo alguma mesura) Alteza, com alegria a Rainha recebeu a grande nova de vossa chegada e virá vos saudar — e ao reino da Ilíria, aliado muito querido de sua Majestade, o Rei Arthur.

IDRIAN DE HIPNOS (levantando um rosto cansado, que havia apoiado no braço): E como está ele?... Qualquer demora... (e dirigindo-se ao príncipe Tássio, ao seu lado)... Que o protocolo ficasse para depois, Alteza — já que chegamos em tempo... ao que parece.

OFICIAL (sem dar tempo a que o príncipe intervenha): Deveis esperar aqui. A Rainha não dispensaria saudar-vos, Alteza. Com vossa permissão... (faz a mesura)

Os dois oficiais se retiram (pela esquerda, porque deve ser evitado movimento que alcance o setor, mesmo apagado, do leito — “um andar acima”, ao que subentende)

TÁSSIO (depois de olhar, em torno, o salão do trono): Precisas ir te acostumando, velho Idrian... Essa terra não convida a pisar no chão, mas a subir com o nevoeiro... Aqui, apenas vagam — roupas e hábitos estranhos. Acostuma-te logo, se tivermos que nos demorar. Mas, talvez, tenha vindo alguma melhora para o Rei Arthur.

IDRIAN (descrente): Não, se o mal é aquele cuja descrição fizeram, ainda na Ilíria... Um que não se dobraria à bebida de ervas e invocações de espíritos...

TÁSSIO (divertido): Mas, Idrian... o célebre Merlin deve saber e poder mais do que isso! Ou... fala pela tua boca, o ressentimento de homem do mesmo ofício?...

IDRIAN (“aborrecido”, só para corresponder ao jogo): Merlin!... Vossa Alteza finge que o respeita para atingir uma vaidade que já não tenho. Mas *eu* posso dizer sobre o alcance do poder e da influência desse mágico — um *mágico* apenas... — porque já fui um jovem Merlin, no passado.

TÁSSIO (sorrindo): E és um Merlin muito velho agora...

IDRIAN (sorri também, mas logo fica sério, para encaminhar seu assunto): Alteza... A Bretanha é como disseste: cheia de sombras e dessa gente que vaga, como numa névoa. Mas pode haver mais: — de homens apenas. *(faz uma pausa, para dar mais gravidade)*

Permite que vos lembre dos cuidados que vosso pai, o Rei, aliado e amigo de Arthur, aconselhou ter.

TÁSSIO: Sim, e eu gostaria de entender... Ele disse que o Rei Arthur era... *(procura as palavras)* como um desterrado, para quem soubesse ver, sob a marca da vida comum, o homem raro, pairando muito acima...

E apontava aquele friso de um palácio antigo, que serve como pedra, agora, sob a água, na fonte do jardim. “Eis Arthur” — apontava: “...jaz imerso na vida, o que tinha um alto destino...”

(sorri, muito de leve) Foi algo assim que ele disse, meu velho pai... E, em seguida, que esse homem, no entanto, nunca tinha sido amado à altura, pela gente que ele fizera habitar no seio, mesmo, de sua esperança. *(diz, é claro, como se fosse um pouco enigmático, para ele)*

E enfim, que fôssemos nós próprios a dar, ao doente, das dosagens que tu pessoalmente prepares, com o sangue da criaturinha... *(e leva uma mão ao chapéu)*

IDRIAN (fazendo sinal de calar): Não!, enquanto não for a hora. *(e olha em volta)*

TÁSSIO (olha também): Mas me explica, ao menos, isso de um Rei, no alto — e, ainda assim, sob essa espécie de ameaça que meu pai sugeriu...

IDRIAN (sempre olhando em torno, antes de falar): Vosso pai não vê o Rei Arthur desde vosso nascimento, quase. E na Ilíria, então, já se sabia da altitude desse homem, mas, igualmente, que por se alhear, tanto, da humanidade comum a sua volta, ou crer nela como em algo mais alto, Arthur colocava-se sob essa ameaça de alimentar, na própria mão, a pequenez de cortejadores que iam se tornando uma verdadeira corte enfeitada, mas muito próxima, e, um dia, perigosa.

TÁSSIO (ansioso): E assim aconteceu?

IDRIAN (sorrindo, indulgente): Tássio... Estamos falando da vida, lenta e real — e não dos dramas de palco que tens na cabeça: morais ou trágicos, mas sempre rápidos na ação que interessa...

A vida é menos brilhante e mais amarga, e não avisa que já estamos na cena seguinte. *(olha em volta)* Não aconteceu nada — enquanto aconteceu tudo.

Volta o olhar, um dia, e poderás entendê-lo, Tássio.

(nota que não usou da forma protocolar e foi muito “preceptor”...): Oh, desculpai-me, Alteza...

TÁSSIO (sorri): Por que? Porque ainda preciso de tomar lições?... Que não seja sentado sobre teus joelhos, como era, e terás teu aluno de volta, com a condição... *(Tássio não vê que chegam, às suas costas, Lancelot, a Rainha e o mágico Merlin. Idrian faz um sinal com a cabeça)*

Tássio e Idrian se erguem, enquanto a Rainha se adianta para o príncipe.

GUINEVERE: Tássio!... (e mirando-o) Um homem feito é o que eu já esperava — mas... há sempre surpresa. *Ver-te é outra coisa... (volta-se para Idrian)*

E este é o famoso mágico que trazes...

TÁSSIO: Idrian de Hipnos, Majestade, é o sábio famoso em toda península, pelo poder de sua ciência, pela extensão de seu conhecimento e pela posse de dons extraordinários ainda, que no entanto ele raramente utiliza. Mas, assim como eu, meu pai o coloca inteiramente ao serviço da cura de Sua Majestade, o Rei Arthur, a quem ama como um irmão. *(é dito, de certa maneira, de forma protocolar e quase ensaiada)*

Merlin (que está atrás de Guinevere) dá um passo à frente, dirigindo-se a Tássio:

MERLIN: Meu jovem Príncipe... Perdoai, mas... Sua Majestade, o Rei da Ilíria, não se teria privado de um sábio tão célebre... por julgar que não se pratica sua ci-

ência, com dons igualmente extraordinários, na nossa Bretanha, que foi onde, não por acaso, apareceram os sábios da nova magia, aptos a curar todos os males?...

Se assim foi, este homem não fará falta, na Ilíria — enquanto aqui... não seria demais, nunca..., e, no entanto... (*deixa suspenso, para ser melhor entendido*)

Oh!, eu sou Merlin... esqueci-me de me apresentar a Vossa Alteza.

IDRIAN (*meio alto, meio baixo*): Nem precisavas dizê-lo...

GUINEVERE (*tentando "aliviar"*): E este é Lancelot (*que está quase recuado, ao pé do trono*), cavaleiro e braço-direito de Arthur...

Lancelot faz seu cumprimento, um pouco displicente.

TÁSSIO: Já ouvi falar de Sir Lancelot — e de todos os demais da Ordem da Távola... do Rei Arthur. (*parece ter acrescentado somente para encaminhar a pergunta*) E sobre ele, Majestade... houve a melhora, tão ansiada?...

IDRIAN: E poderemos vê-lo, agora, se assim for possível?...

TÁSSIO: Sim!, Majestade, queríamos vê-lo tão logo... Guinevere sorri e põe as mãos sobre os ombros de Tássio.

GUINEVERE: Tássio, meu querido... Precisamos, todos, conversar muito... (*olha para Idrian e depois volta ao seu tom maternal, para Tássio*):

Saber, por exemplo, a que vieram precisamente... a mais, é evidente, de nos dar tanto prazer, e a honra de poder hospedá-los.

Mas não será que prefeririam o descanso, antes de tudo, depois de uma tão longa viagem?

(*sorri*) Eu, então, adiaria para amanhã as perguntas sobre teus pais queridos — e sobre a Ilíria — que anseio por te fazer.

TÁSSIO (*que olha, por uma fração de segundo, para Idrian*): Majestade... Sobre meu pai eu posso dizer, já

de agora, que o deixei mergulhado na mais viva preocupação pela saúde do Rei Arthur... embora, o tempo todo, eu mal pudesse fixar seu semblante, porque ele próprio se atarefava entre os servos que, em menos de um quarto de hora, aprontaram todo o necessário à viagem. E mal o beijei, porque ele já espantava os cavalos, um instante após nosso abraço... Tal era seu empenho em que não perdêssemos nenhum tempo, principalmente na viagem, que foi feita sob o acicate de suas ordens de pressa, e pausa apenas para um curto sono, se não pudéssemos dormir sobre a sela, na marcha. Por isso, Majestade, o descanso muito adiado, com que vos preocupai, agora pode esperar.

Até porque ainda vigora a pressa em que nos conduza ao verdadeiro fim da viagem, diante do leito do doente — para o qual trouxemos talvez a cura, nas mãos desse grande sábio, que é o da Ilíria.

A Rainha senta-se no banco, ao lado do estrado do trono.

GUINEVERE (*com cautela*): Tássio... É evidente que já sabíamos de vossa vinda e até, um pouco, de seu generoso motivo. Na verdade, foi por saber desse pouco, que não te introduzimos, sem demora, aos aposentos do Rei, como seria natural e imediato, no caso de que viesses cumprir uma visita, muito honrosa..., mas apenas uma visita. Mas... (*com certo embaraço*) — e é tão difícil dizer!... — o que te traz (e oh!, nós nunca poderemos esquecer esses cuidados do Rei, teu pai, mandando a ti próprio, e ao grande sábio de sua corte, numa tão cansativa viagem...), o que te traz, ainda aflito, em nome da Ilíria, é o generoso intento, o esforço do desvelo fraterno...

(*Idrian senta-se, ironicamente preparando-se para um longo discurso*)

... nessa tentativa de experimentar alguns de teus remédios — mágicos remédios — a fim de que viesse alguma cura...

(*Idrian levanta-se, atento*)

IDRIAN: Majestade... perdoai... mas não é uma tenta-

tiva assim ao acaso, escolhendo entre fórmulas e drogas que, de resto, aqui também pudessem ter.

O mal do Rei Arthur — segundo nos foi descrito — é um mal conhecido, mas raro, e de que, afortunadamente, sabemos a cura, contida num velho livro celta, único; e por mim já aplicada, com sucesso, há muitos anos...

Guinevere ajustou uma verdadeira máscara de paciência para ouvi-lo e, agora, para responder-lhe.

GUINEVERE: Idrian... (é esse teu nome?) — não me deixaste concluir. Embora, o que tenhas dito traga ainda mais alento à esperança de curar Arthur... Mas, ainda assim... vindo, como vêm, atacar um mal precisamente — e admitindo que seja, o de Arthur, de fato este de que tens experiência — ainda assim, com tua fórmula de cura decifrada num livro antigo, não seria tão simples como chegares, diante do leito de enfermo de um Rei — e do Rei da Bretanha — e aplicares, tu ou qualquer outro, uma droga, um remédio... Não porque temêssemos algo de mal — ou por desconfiança da sabedoria, tua ou de qualquer outro igualmente célebre, e ainda recomendado, como tu, por um Rei nosso aliado... Não. O que há, o que se impõe (*volta-se para o Príncipe*) — e me compreende bem, Tássio — o que se preserva, como cuidado necessário, como uma cautela, nesses casos...

MERLIN: Majestade... Sou eu a interrompê-la agora. Perdoai, mas talvez tenha melhor condição de explicá-lo, sem outros rodeios, como sábio e médico desta corte, que sou: (*e passando a um tom mais baixo e temporizador*) Merlin, um nome não tão obscuro, embora sem sequer a pretensão de ser tão célebre... quanto o de... (faz como quem tenta lembrar) Idrian de Hipnos. (e para o Príncipe) Pois, podeis crê-lo, e anunciar na Ilíria, que, ao serviço da corte do Rei Arthur, também há um humilde homem de ciências, antigas e novas, (*agora envereda por decidida ironia*) que não possui, é verdade, um tão único livro celta como o teu, Idrian, apesar de poder consultar, na sua torre, a qualquer momento, manuscritos que foram salvos do grande incêndio de Alexandria... e do próprio

cataclisma de Mur, o antigo continente que guardava o segredo da sabedoria...

Oh!, lixo sem importância, eu o sei..., mas foi consultando-o que o humilde Merlin também encontrou os sinais do mal de Arthur, e invocações, segredos de líquidos, poções raras que — também — levam à cura. (*Agora tenta causar impressão*). Mas foram necessárias longas noites de decifração, sob conveniências astrais, muitas vezes, a cada passo das misturas... E na última noite de céu negro, sem lua, pôde ser dada a fervura final, no fogo frio... E levado ao leito do doente, onde a droga ainda combate o mal, fortalecida pela invocação de nove sílabas, pelo Nome chamado sete vezes e pelas três feridas do Rito...

Idrian ri, irreprimivelmente.

MERLIN (*voltando-se, surpreso, e pouco a pouco furioso*): Além do que ousaste vir com as tuas curas duvidosas, defrontar o seguro efeito das minhas — ousas rir de quê, magra sabedoria?...

Idrian se aproxima até ficar exatamente diante de Merlin, que está ao lado da Rainha.

IDRIAN: Como sempre, mentes, Merlin.

Merlin levanta os braços bem alto, abertos, enquanto os olhos se estreitam, sombrios, num conjunto que tenta ser terrível, à medida que Idrian acrescenta, para a Rainha:

IDRIAN: Se o Rei Arthur depende, nesse momento, unicamente da ação dessa oca bruxaria, achada na imaginação de Merlin, e não no livro verdadeiro, ele já aperta, na sua mão, a mão da morte — e cada vez mais, enquanto falamos.

Merlin volta-se para a Rainha, vê que ela não reage à altura e baixa os braços imediatamente, num efeito cômico:

MERLIN: Majestade!... Essa infinita ousadia!..., que ofende à Bretanha, a vós, ao Rei Arthur e à corte, na ofensa ao vosso sábio...

GUINEVERE: Acalma-te, Merlin. E mede tuas palavras, Idrian.

Tássio dá um passo à frente.

TÁSSIO: Senhora... Deveremos compreender que é deste... “remédio”... que se espera a cura do Rei Arthur? — e de mais nenhuma verdadeira fórmula...

LANCELOT (*de seu canto, sem se mover*): Que é a vossa, da Ilíria...

TÁSSIO (*voltando-se para Lancelot, surpreso*): Mas não se trata de que seja ou não seja da Ilíria!, e não o é. Vem dos celtas, que a recolheram, talvez, de ainda mais longe. Mas não importa de que país viesse. É real... e é tudo que precisa ser. *Algo*, que já curou de fato, e não... (*olha para Merlin, que levanta os braços imediatamente, no gesto já desmoralizado*) ... “céu negro, sem lua” e “fogo frio”...

GUINEVERE: Ainda que fossem de desdenhar, Tássio, as misturas mais estranhas... e todas as invocações de Merlin — e eu não diria que fossem — ainda assim... Arthur não poderia ingerir novas drogas que se acrescentassem às que toma agora. Não é verdade, Merlin (*com certa ênfase, ao voltar-se para o mágico*), que mais uma fórmula nova... poderia matá-lo até?

MERLIN (*ainda furioso*): Se não fosse por ser venenosa... (*à palavra “venenosa”*). Tássio leva a mão à cintura, onde está um punhal, mas Idrian detém seu gesto, enquanto celot também se pôs de guarda, maquinalmente)... seria por interferir no curso de minha mistura, senhora — e também por serem duas, num corpo já fraco. E a que cura é a de Merlin!... ..

IDRIAN (*em tom baixo, para Tássio*): Alteza... Não vim aqui para um torneio de mágicas, num “sabbath” de feiticeiros.

Tássio considera por um instante, e dá um passo à frente, para a Rainha, com decisão.

TÁSSIO: Majestade... Se considerais o oferecimento do Rei da Ilíria, que eu vos trouxe na pessoa deste sábio de nossa corte, mandado a empenhar-se na cura do Rei Arthur (*diz de um só fôlego*), se vós o aceitais, proponho que aquele homem (*aponta Merlin*) diga um prazo para a ação de suas misturas e mais o que tor, o qual esperamos para, na falta de... resultados, começarmos, nós, a aplicação de nossa fórmula, em cumprimento daquilo a que nos mandou meu pai, o Rei.

Lancelot, no instante *suspense* que se segue, adianta-se para Tássio e Idrian, depois de olhar a janela (em qualquer direção):

LANCELOT: Já é a hora indecisa entre a noite e o dia... e aquilo a que vieram, tão generosamente, ainda necessita de que antes confirmes, sábio, com teus próprios olhos, aquilo que julgaste, de longe, sobre o verdadeiro mal de Arthur.

Guinevere e Merlin se entreolham. Lancelot nota que foi muito imprevista sua intervenção, mas segue adiante, e até mais à vontade — e deve parecer muito hábil e cheio de intenção quando, aparentemente, divaga:

Sou um homem rude, de poucas impressões sem dúvida, porque o mundo já me ensinou, sobre a surpresa: é uma emoção inútil e perigosa, e se alimenta da falta de imaginação.

Espero tudo e nada, e nunca julgo. Na última hora, com a espada, tenho sido mais rápido, sempre, do que o meu próprio espanto.

Faz uma pausa, apreciando o efeito e, agora, é como se se explicasse:

Portanto, que vejamos Arthur, primeiramente. Não porque desconfie de vossa certeza, sábio; ou de vossas mágicas, Merlin — nem porque ache que o mal de Arthur é incu-

rável e que ele vá morrer, ou que esteja morrendo agora...
(e nesse momento troca um rápido olhar com Guinevere)
Sou rude, mas não a tal ponto — e, ao menos para meu
Rei, hei de acolher a última esperança...

Merlin, Idrian — se são rivais, que rivalizem, não im-
porta, enquanto tudo tentarem para afastar a grande morte
desta casa.

(realmente, está sendo melodramático — e sabe disso)

LANCELOT (para a Rainha): Perdoai que eu tenha fa-
lado, talvez demais, Majestade... Mas o tempo passava.

GUINEVERE (olha a janela): E o dia expirou... Lan-
celot? Não se pode ver, na verdade. Mas é a hora, de qual-
quer modo, de estar junto a Arthur. (levanta-se) Tássio e
Idrian — e Merlin — se o quiserem, podem acompa-
nhar-me.

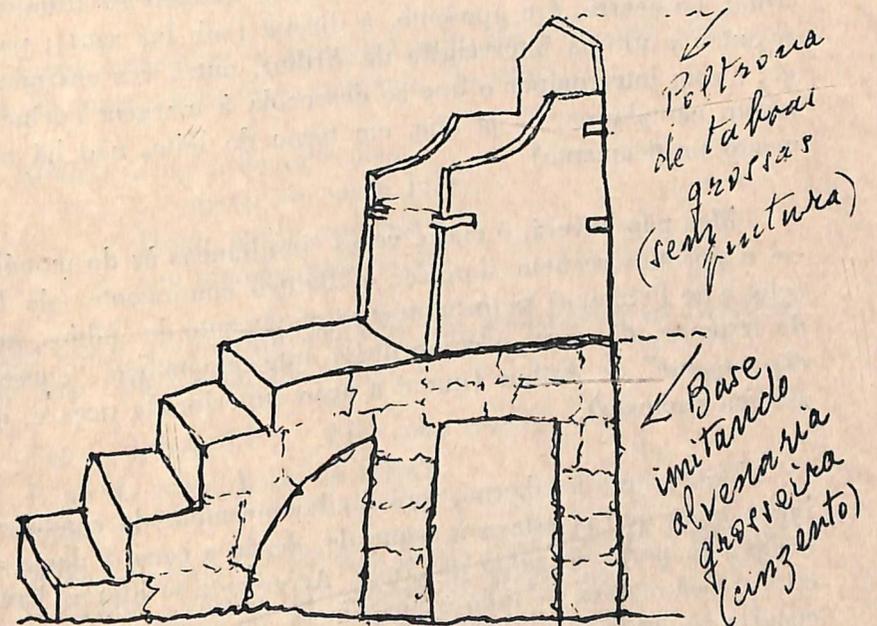
Saem os quatro, pela direita, e fica Lancelot, que sobe alguns
degraus perto do trono, pensativo. Termina por se sentar no
próprio trono, como alguém que nunca o tivesse feito, mas ago-
ra o experimentasse, com prazer. Enquanto isso, dois homens,
trajando pobrememente, se acercam da mesa (no canto esquerdo),
com tijelas na mão. Vêem Lancelot, sorriem e comentam algo
entre si, sentando-se para comer. Despertam a atenção de Lan-
celot, que os olha por um momento, apreensivo, e bate na per-
na, como num estalar de dedos de quem se lembra de algo —
de um erro, de um descuido:

LANCELOT (sorrindo, no último instante): Que Merlin
explique como parte de sua mágica, o vosso fúnebre tra-
balho.

Os homens (são os que maquilaram Arthur) olham-no ainda,
sem terem comido.

LANCELOT (mais alto): Bom apetite!
E deixa o trono, também desaparecendo pela direita.

Trono para o rei Arthur
(inspirado no de Carlos
Magno)



N.B - A poltrona pode ser usada sem a base

ATO II

CENA 2

Uma taberna medieval constitui, na cena 2, do segundo ato, o terceiro setor ou prolongamento, de certo modo, do cenário tríplice, agora *formado* de fato — porque o *trono* e o *aposenso real*, não removidos e permanecendo às escuras, esperam, somente, pela ação se desdobrar em três, ainda nessa cena, inicialmente na taberna, mas logo depois prosseguindo, com ação paralela, no setor 2 (trono) e no setor 1 (aposenso). Ou seja, Lancelot e Tássio, como será visto, continuarão em cena na taberna, à esquerda (sob luz vermelha), quando se iluminar o trono, no centro, e o aposento, à direita (sob luz azul), para a segunda e última intervenção de Arthur, outra vez em monólogo, e sem interromper o que se desenrola à margem (principalmente na taberna — já que, em torno do leito, não há movimento praticamente).

Mas não haverá, é claro, vozes simultâneas às do monólogo — e por um recurso simples: o diálogo contingente (de Lancelot e do Príncipe) se torna apenas movimento dos lábios, quando irrompe, de novo, o curso desse auto-comentário, “consciência-voejante” de Arthur (que é a ação superior da peça e, quase, seu pretexto).

Mas quanto à taberna, será facilmente montada a partir da longa mesa que já estava à esquerda, desde a cena 1 desse ato, compondo parte do *salão do trono*. Acrescenta-se alguns bancos e um balcão talvez — tudo como a mesa, de simples e rude marcenaria — assim como alguma iluminação de tochas ou de uma primitiva lâmpada a óleo pendente “do teto”, e nada mais, além de um telão recuado, que deve dar a perspectiva, evidentemente representando a parede rústica e o madeirame da construção. E pode haver alguma “decoração” da época, talvez um troféu de caça.

Em torno da mesa e do balcão, fregueses — não muitos, mas o suficiente para encher esse lado do palco, no primeiro plano e ao fundo (telão) — e uma mulher que os serve, com certa brusquidão, ou enfadada de algum galanteador maltrapilho. Enfim, a vida rotineira da taberna, de todos os dias. Um tocador de alaúde — que não toque, mas dedilhe somente algumas notas soltas — é visto entre as sombras do fundo, junto ao telão; e esse som indeciso é tudo que tempera o fixar de todo o quadro até, um pouco, os limites da monotonia.

Então, da extrema esquerda, surge uma repentina luz, acompanhada do som de uma pesada porta que se abre, e ato-contínuo entra uma estranhíssima figura (o bobo da corte), quase com um salto. Atrás, um guarda do palácio, que segura uma tocha, olha um instante em volta (veio para deixar o bobo) e desaparece (som da porta fechando).

Simultaneamente, o primeiro salto do bobo vai sendo seguido de outras cabriolas, enquanto ele canta:

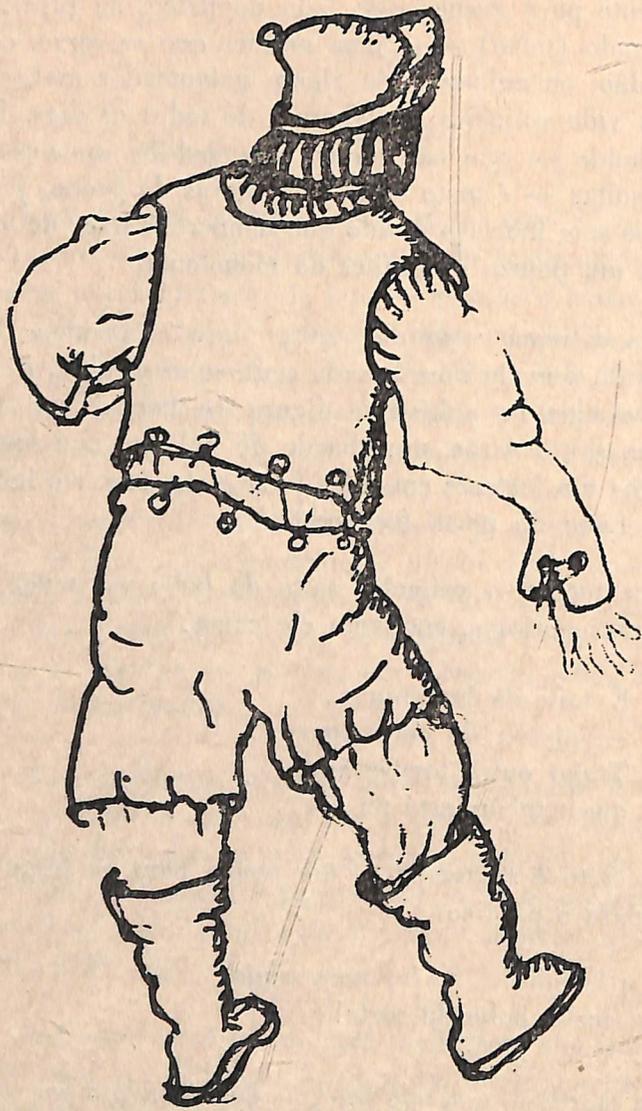
BOBO: É noite de invernã...
— apesar do claro luar...
Trago outra tempestade,
que também está no ar...

Dá um outro salto e apresenta-se, um pouco para os fregueses e um pouco para o público:

Cedric, o bôoobo!... (*faz uma vênã*)
Bobo da corte, bobo de sorte!
Hoje...

Bobo da morte — que não veio... (*abaixando a voz, perscrutando o fundo, adivinhando o alaúdeiro*)
Tocador de alaúde que se esconde!,
— vence a timidez...

Acompanha a língua solta, essa noite
e essa vez!...
(*E sempre cabriolando*):
Espetáculo raro, taberneiro!...



Camisa e mecas
de linho cru,

Casaca, chapeu,
calção e botas do
cruer cru.

Mas é preciso mais veneno,
para tanta ousadia;
não canto no teu chiqueiro,
somente por alegria...
(o taberneiro já vem com bebida e ele vai ao seu encontro, tomando a caneca)
E nem pelo mijo da taberneira,
que misturas à cortesia!
(cheira e, em volta, os homens riem)
Quero coisa verdadeira,
para uma breve euforia.
(fica sério, enquanto faz uma pausa para levantar o brinde):
Ao Rei que não morreu — (como se queria...)
Deixei-o há pouco e, graças aos Céus, ainda vivia!
(bebe, e alguns acompanham o brinde)
UM HOMEM: E na corte... Foi só tua essa alegria, bobo?
BOBO: *(que mede o homem e a pergunta, mais sério do que nunca)* Houve espanto, homem.
Muito espanto. E palavras. E outra forma de palavras.
Mas eu sou o bobo; a mim compete coisas simples, não o raciocínio. E simples é a alegria.
TABERNEIRO: *(que está perto e oferece mais bebida)*
Mas o Rei viverá?... Dizem que veio um Príncipe, com um sábio ainda maior que Merlin...
BOBO: *(olha, fixo, também o taberneiro)*
O que já tem a máscara da morte,
afivelada pela vida,
terá perto o remédio, mas a cura
longe mantida...
UM HOMEM: Queres dizer que o Rei tem, já, a palidez da morte?
(o bobo mede, como é seu hábito, ri e dá um passo em direção do homem)
BOBO: A palidez da morte, a palidez do espanto, a palidez dos vivos...
Todos estão pálidos, homem. Até Merlin, que agora tem um prazo para inventar o que não tinha inventado — prego do engodo, ainda muito baixo.

Mas, como num céu pesado, alguma coisa se arma. O quê, não se sabe — pelo menos no palácio. Na rua talvez... ou entre as pernas de uma mulher!, e ali me recusam... (porque sou feio, as feias dizem!)

(ouve-se risos)

Mas aqui posso entrar, bem recebido;
e, antes do fim da noite, terei tudo;
o bêbado que me conta...

E a bêbada que não se importa!...

(bebe)

UM HOMEM: Está mesmo alegre, o bobo! *(em voz alta)*

OUTRO HOMEM: E esperançoso! Mas a bêbada ... era preciso ser louca!...

BOBO: *(enxuga os lábios no braço e assume um ar astuto)*

Serei, sim, um alegre bobo triste, por hoje;
mas, amanhã, o triste bobo alegre de sempre...

E deverei procurar outro trabalho.

Bobo só fui uma vez — e desse Rei, que eu nunca fiz rir.

(e dando um salto, ágil)

Mas, os outros, riem todos! — isso consigo, hein?...

(e, perto de um dos homens, faz uma vênia)

Ao teu serviço, bom homem comum, na taberna ou na corte — e que se caguem de riso e atolem esse reino num alegre monte de estrume!

Desejo e prometo, mas que me ajude,
esse daí — do alaúde!

Os homens chamam pela alaúdeiro e, nesse momento, entra Lancelot; está acompanhado do Príncipe. O bobo volta à sua música:

É noite de invernã...

— apesar do claro luar...

(notando as pessoas que se voltam, vê Lancelot, que se encaminha para ele)

... Lancelot é a tempestade, que aqui vem se armar!...

Lancelot se adianta, pega-o com certa brutalidade por um braço, immobilizando-o em "chave" e com a outra mão levanta sua cabeça, pelo queixo.



LANCELOT (ao Príncipe): É Cedric, o bobo. Ainda vivo e ainda o bobo... , para provar a paciência de Arthur — demasiada, com esse velho anão amargo.

(e aperta-o mais na "chave")

Sarcástico, mas não engraçado: e que adora intrigar na corte, não é verdade, diabo?

Solta-o com safanão e o bobo se projeta para o chão.

BOBO (recompondo-se): Mas eu ao menos sei, Sir Lancelot, quem foi minha mãe...

Lancelot, que já ia em direção à mesa, volta-se violentamente.

BOBO:... como vós sabeis quem foi a vossa!...

(afasta-se) ... a serpente do lago!

(salta para a porta e desaparece)

E ouve-se sua voz, já fora:

BOBO (voz): Cuidai, Príncipe, que algum bote ele prepara!...

LANCELOT (que, com o Príncipe, se sentou à mesa): Taberneiro!

O taberneiro se aproxima, solícito.

LANCELOT: Vê, homem, que está aqui Sua Alteza, o Príncipe da Ilíria — mas não veio para encontrar nossos "Cedric" e outros ratos de esgoto. Fecha, por hoje.

(O taberneiro está indeciso)

LANCELOT: Anda!, serás recompensado!

Os homens vão se retirando à medida que o taberneiro vai despedindo-os, e Lancelot vai se pondo à vontade, acalmando sua irritação desde o encontro de Cedric.

TÁSSIO (depois de olhar em volta): E no entanto, Sir Lancelot, para que vim aqui, de fato? — ou por que me trouxestes, mais precisamente?

LANCELOT (olha em torno, também, mas rapidamente): Mesmo com Cedric e toda essa gente, aqui ainda estaríamos melhor; respira-se mais do que na corte, com Merlin invocando seus demônios, empestando o ar de bruxedos, ainda amanhã e depois, e tendo a Rainha sob seu fascínio, enquanto Arthur morre — ou morrerá, quem sabe, muito tarde para o nosso...

TÁSSIO (um tanto cauteloso): Pensais no fim do prazo imposto a Merlin e que teremos de esperar...

LANCELOT: ... E que, talvez, seja o fim de tudo — o que carregarei como culpa. E também a Rainha...

TÁSSIO: Mas se ela demonstra e mantém uma tal confiança em Merlin... E vós próprio, Sir Lancelot, não parecias diferenciar, ainda ontem, entre Merlin e Idrian de Hipnos...

LANCELOT (que pensa um momento): Alteza... Na sala do trono, junto à Rainha e o velho mágico, podia ser de outro modo?... — e arriscar uma atitude que talvez viesse tolher-me, separado convosco e com o sábio? Porque ainda penso em ser útil a vós ambos, e não seria a maneira, se se antagonizassem: Lancelot de um lado, vos apoiando, e do outro Merlin, e acima de tudo a Rainha, que nele crê como seu conselheiro que sempre foi... e, afinal, como o mágico de prestígio que é. E mal intervi, de qualquer modo, em tudo que se disse — também porque, confesso, precisava de ter as horas que tive, depois, convosco e com Idrian, para chegar à completa certeza de agora... sobre o tempo que se perde — e o tempo precioso de uma grande vida — nesse momento em que deixamos, perigosamente, que Merlin continue... (como ainda amanhã e depois...) para só então, e se Arthur resistir...
(É uma hesitação um tanto trabalhada o tempo todo)

TÁSSIO: A verdade, Sir Lancelot, é que tudo é muito estranho... A partir de se crer, como faz a Rainha, não apenas nas misturas e invocações de Merlin, mas naquilo de mascarar o Rei como num rito bárbaro — e como se ele estivesse morto...

LANCELOT (confirma com a cabeça): Mas, ainda assim, não tão estranho se pensarmos no próprio absurdo desse

momento, e de todos nós, a vermos o tempo correr como um arroio das chuvas, em que alguém é levado... Sob nossos olhos e não lhe damos a mão... Eis o que, nas últimas horas, tem me posto contra mim mesmo.

Lancelot levanta-se, dá alguns passos em torno da mesa e volta-se, de repente, ficando de pé ainda, mas bem à frente de Tássio e encarando-o:

Alteza... Lancelot é um homem cuja fama, não tanta, é somente a do cavaleiro que bem se bate no torneio e na peleja de espadas. Esse é Lancelot, com efeito; Lancelot do Lago, cavaleiro de Arthur...

Mas não haverá um homem e a... “complicada trajetória desse”... “como dizia Arthur, atrás dessa couraça de ferro e fama por demais simples?”

Tássio olha-o um tanto intrigado e Lancelot volta a sentar-se, como quem prepara uma outra abordagem:

Oh, eu não quero divagar apenas... E, pior, como um trovador que nem se acompanha, sem instrumento...

(sorri)

Esquecei-o, Alteza, como de um indigno soluço.

(faz um gesto de quem vai encerrar, mas logo volta à carga, depois de um instante em que parece ter estudado, rápido, a reação de Tássio):

Mas isso de Lancelot, o cavaleiro empertigado — como uma figura num pau — não será o próprio motivo da reserva que, perdoai, mas vós mesmo mantíneis para comigo, ainda agora?

Mas o que não vedes, é o melhor talvez. É o homem, e é tudo — é o que eu queria dizer...

Mas onde eu quero chegar é também muito simples. Sou Lancelot, mas há mais, sempre há mais desse enovelado fio para um homem tecer a si próprio, e não uma verdadeira história, que começa e acaba...

TÁSSIO: ... Palavras...?

LANCELOT: De Arthur. (e sorri, confirmando também com a cabeça). Era qualquer coisa a respeito de que, no seu momento, aquilo que vivemos foi toda a vida sobre a

terra... “Ilusão nítida, nítida demais para se apagar apenas” — estive repetindo-o o tempo todo, Alteza. Nunca tive minhas próprias palavras, mas minhas certezas somente.

(Levanta-se de novo)

E isso do homem e seu fio, na minha vida, em verdade começa e termina com o encontro desse amigo, de quem sou o braço direito e seu cavaleiro, defensor de sua Rainha — “Sir Lancelot”... Mas na parte comum, do resto da vida, de manhãs e rotina... Compreendeis? Arthur de Pendragão, Rei da Bretanha; tudo que vinha depois.

Arthur e Lancelot, sem nada mais, vinham antes, dos tempos de espada e cavalaria apenas... Não sei me explicar mais do que isto, infelizmente. O Rei, que eu não suporto ver morrer, é o amigo que justamente está morrendo — e eu devo suportá-lo como?!

(novamente como que estuda a reação do outro)

Não devo, Príncipe. É isto: não devo!...

(agora se curva para a mesa, estendendo uma mão aberta, veemente)

Dai-me. Dai-me o remédio, a mistura, o que for...

TÁSSIO: Mas... o que pretendeis?!

LANCELOT (que parece não admitir hesitação):

Dai-me, eu vos peço sob qualquer preço — que eu, Lancelot!, ainda hoje darei a Arthur e não será preciso esperar, não se deve — e não pode, ele!

TÁSSIO: Mas, como se...

LANCELOT: Hoje, no primeiro momento em que Merlin faça pausa nos seus encantamentos... Por que não? Era a idéia que me buscava, e vim aqui, vos trouxe, porque adivinhava-a. Nem Merlin nem a Rainha saberão, somente nós, que cumprimos o dever de ambos: vós perante vosso pai e aquilo a que viestes, e eu perante meu Rei e a exigência maior da amizade...

Acende-se luz avermelhada sobre a taberna e ele segue, veemente, num discurso que não se ouve, sem articular as palavras, apenas *ditas* com os lábios, enquanto também se acende a luz sobre o trono e sobre o aposento (*azul*). Vê-se os dois Ar-

thur, como no 1.º ato: a figura no leito, mal distinguida, e o outro, agora sentado no trono, de frente para a platéia, que encara. Nesse momento, vindos da extrema direita (e quase por trás do leito) entram a Rainha e Merlin, agitadamente (sem os cuidados do silêncio, num quarto de doente). Guinevere, estando ao lado do leito, faz um sinal a Merlin, e ficam ambos quase de cada lado, muito *parados*, como esperando ou escutando algo.

Ao entrarem, Arthur se terá voltado, não diretamente para eles, mas como alguém que ouve passos, ou algum barulho, sem muita certeza de onde vêm. Mas agora, que pararam, ele olha naquela direção e se vê que, no leito, o doente também se moveu, deitando-se de costas e, nessa posição, podendo ver quem esteja ao pé da cama. O outro Arthur, por seu lado, desviando o olhar de Merlin e Guinevere, contempla em volta, e ainda inclui o leito — e ambos — num último olhar, antes que soe a voz com a mesma nota longínqua do primeiro monólogo:

ARTHUR: Sombras, ainda.

Formas viajantes sempre,
entre o claro e o diluído.

E sons — sons acompanhantes uma vez,
e noutra, sons somente. Apertamos os olhos,
tentamos ouvir — é o esforço da vida inteira.

Porque um sopro, um dia, apagará esse retângulo
de janela e névoa.

E há o esforço por compreender.

O lugar solitário do qual saímos fechando a porta
com cuidado, como a do quarto em que deixamos a
companhia noturna, passado o mistério.

Tornamos à superfície, entra o ar nos pulmões e a
vida do sangue reinstala sua supremacia de horas
e quantidade, e chega a dissipar, mesmo, a aérea
melancolia — a pobre lealdade que lhe devíamos
(no sorriso raro, que afugentasse comédia de faunos;
na mão leve, porque lembrasse que se agarra nada...)

Oh, as águas continuam à espera!, mas não passearemos
nelas, à superfície, enquanto for tão consistente
a velha alucinação dos sentidos.

É ela que cria, como ave da noite, o claro pensamento
puro — que faria e desfaria solidez — e não o
contrário: prisioneiro da espessa criatura, que o
convoca, por um momento fortuito, para tornar-se
alada, num céu esquecido, entre as paisagens do sono.
E na vigília lhe reserva um papel de escravo que
perscruta, sob um sol irreal, a dança dos enganados,
essa roda interminável de baques: carne contra carne,
se infligindo amor ou morte.

E não tem sido mais a promessa do espírito.
Tornou-se uma lenda que já não se sabe contar com
clareza, mas, apenas, que nos dizia respeito,
exatamente como no sonho.

E, ao despertar, que resta das imagens lentas
dessa outra vida?

Nossos próprios gestos, nossa ação e nosso rosto mesmo,
que não entendemos.

Há muita luz e uma vida veloz lá fora... Tudo que nos
desencadeia em direção contrária às pegadas da noite.
É um velho truque de espelhos: pensamos acordar, mas
afundamos no dia sonâmbulo, ainda mais incompreensível,
à mercê da razão fixa, que se serve de palavras inúteis
e de uma pálida luz, ao nível do chão.

Arthur deve ir se aproximando de onde, na taberna, continua
o diálogo mudo Lancelot-Tássio; mas fica apenas próximo e so-
mente uma vez olha precisamente para eles:

No tempo de novo em curso, entre as demais medidas de
convenção e mentira, léguas serão percorridas, e os que
se encontraram, como todo dia, pensando que foram ou-
vidos, esperarão muito dos subterfúgios... (talvez ter
dito a verdade — para que, tão clara, pareça ela um em-
buste, e esse, oculto, não pareça isso)

A louca vantagem — fingir que acredita para acreditarem
que finge — será do acaso cego, da brutal malícia ou
do personagem da farsa que veste lã no verão e, no inverno,
se desnuda, idiota que diverte e que procura, talvez, sur-
preender o seu segredo...

Volta a estar perto do trono:

Mas um louco está tão longe! E salvaguardado...
Pelo nevoeiro da fuga, mas muito mais pela recusa
de tudo que nos torna reais para os mendigos do mundo.

Agora vai se acercando do leito, para o tema do Sono: tam-
bém fica próximo, e não na cena propriamente dita:

Já não se atarefa apenas, goza apenas e apenas vive,
curta atração desse asilo, mas se extraviou, na vasta
solidão, a certa altura, e está protegido pela meia luz
da consciência, como quem dorme e se coloca sob
a guarda desse hábito misterioso, noite após noite: tão
simples e necessário sono, como um imóvel ponto de par-
tida... Que leva, no entanto, ainda mais longe, e por uma
doce mão, que a treva do louco não encontra.

Ele ainda vê a estrela e o olhar — e pensa ler neles como
num rápido aviso, e se sente vigiado pela montanha, des-
de sempre.

Vai até lá — ainda sabe cortar caminho, ainda observa
e remete para o salão confuso que guarda nossas decep-
ções, aquilo que encontra, aquilo que reconhece ainda:
— a terra sem idade, os sinais dos antigos — ou de um
outro que também procurava, sob sua mortíca meia luz.

Está de novo mais ao centro do palco, próximo do trono:

É a imperfeição da loucura (comparada ao sono):
manter essa claridade ao longo da estrada inútil.

E posso contar sobre ambos, eu que estava pesado de
realidade, amarrado a este trono como a um lastro,
louco sob mais luz, nunca em paz ensombrado, mas sempre
entre rogos de leis e sopa.

E eu que refiz caminho, de volta ao pátio conhecido,
à casa e ao quarto, como quem retorna longamente e,
então, cercado de piedade e censura, deve dormir.

Um louco que adormece — eis uma distância ideal!

Senta-se cansadamente no trono e olha diretamente para a platéia:

Havia muito a contar sobre isso.

Sobre o que se vê dali, onde estou eu agora. (*)

Mas não a lúcidos insones, cansados do corpo e não
da espera noturna pelo que nos acorde da vida.

De qualquer modo, não haveria tempo, porque terminará
para mim, aguardar tanto, justamente.

E eu estava apenas falando, como se faz à noite, na cama
— para que venha o sono.

Ele permanece fixo, olhando longe, um pouco acima da platéia,
ao nível do trono, mas não diretamente em frente (ficaria muito
rígido) — e por um momento que deve ser, apenas, de certa
pontuação, até que a luz se apaga de repente, ao mesmo tempo
que a da taberna, onde ainda estão Tássio e Lancelot.

Resta a do aposento, que vai sendo melhor iluminado, mas com
a mesma dissimulação da Cena 1, do Primeiro ato (luz normal
e de “claridade prosaica”, toda igual, que preparou a fala de
Lancelot).

Em torno do leito continuam, é claro, Merlin e Guinevere, e é
como se tivessem ficado, realmente, na escuta de algo: Merlin
olha interrogativamente para a Rainha, e ela, saindo de um
certo torpor (e notando aquele olhar) pergunta, com verdadei-
ra ansiedade:

GUINEVERE: Ouviste, Merlin? Ouviste agora, tu que és
mágico?...

MERLIN: (*paciente e um pouco surpreso*): Não. Nada se
ouviu, Senhora.

GUINEVERE (*com um tom de cansada explicação*):

Não são palavras. É como... um som de asas, muito fe-
liz... Ontem e hoje.

Ouve-se passos e um riso curto, repetido, ao mesmo tempo que
surge Lancelot, vindo da zona meio obscura à esquerda; pára
um pouco além do centro do palco (como à “entrada” do apo-
sento) e tem um pássaro — de penas escuras — na mão. Aca-

(*) Olha na direção do aposento, para o leito, e depois de novo para o público.

ricia a ave, ostensivamente para mostrá-la, ao que Merlin e Guinevere encaram-no, estranhadamente, sem entender.

LANCELOT (*aproxima-se*): É uma tunigra ... Um pássaro da Ilíria. E já metade do que nos preocupava.

MERLIN: Uma ave?!

LANCELOT (*que traz bem para perto de Merlin*): Esta mesma. Veio guardada no chapéu do Príncipe. Mas é real... (*encara o mágico*) — E te acusaram, Merlin, de estranhas práticas...!, eles que nos trazem a mais estranha de todas.

(*E mostra, mais, a ave*)

Adivinhas qual? (*ri*)

Misturar o sangue dessa ave com os pós já preparados — é a receita secreta, a fórmula medicinal e mágica que têm para Arthur... (*sustém a ave mais alto*) — Que tinham... (*e olha — dá um passo mesmo — para a janela ao fundo, quase atrás do leito*)

Vai voar, agora, toda a sabedoria da Ilíria!...

Merlin dá um passo como se quisesse detê-lo:

MERLIN: Espera! Valeria examiná-la...

LANCELOT (*voltando-se, ainda divertido, mas próximo da impaciência*): É uma ave... Como milhares de outras, lá — disse a própria Alteza Real, o bom Tássio... E que é da fórmula e não se explica. (*Acaricia a ave*)

Já devia ter voado, mas era digna de ser vista, ao menos para teu consolo, Merlin! (*Ri de novo*)

MERLIN (*com severidade*): E os pós?

LANCELOT (*tornando-se sério também*): Os pós são com Idrian — mas Sua Alteza o convencerá, porque eu o convenci, meu caro.

(*E indicando a ave*): Essa é que não precisa esperar...

É nesse momento, quando ele já se encaminha para a janela, que Guinevere sai de seu espanto meio fascinado, para gritar:

GUINEVERE: Pára!... (*e lança-se para ele*)

Dá-me! Dá-me, que não vou deixar voarem... Ela e ele,

Arthur... porque compreendi agora!...

(*Olha para Merlin, triunfante, e depois para além de Merlin, para nada, com olhos de uma fixidez estranha e desagradável*):

Antes de atendê-lo, morte, morrerás! Ainda não, dessa vez. Não, soando como convidada... tão próxima.

(*Como quem procura em torno de si, dá duas rápidas passadas, em meia-volta*): Era isso!

(*e volta-se para Lancelot, com bastante firmeza, mas subindo a voz, até gritar, fora de si*):

Manda limpar-lhe essa máscara... e curá-lo, agora, manda!... Manda que viva!!!

Escurece, de imediato e totalmente — podendo-se admitir algum acorde que seja a nota introdutória, após um instante de escuridão e silêncio, de um fio de música muito longínquo e *ondulante*, entre baixo e alto, irônico e melancólico. Enquanto isso, se *sente* e se ouve o movimento de pessoas no palco e logo surgem, da esquerda, as duas “criaturas de Merlin” — os pequenos corcundas, trazendo duas garrafas (que lembram retortas) cheias de líquido (vermelho e amarelo, etc.) fumegante. Segue-se Idrian, conduzindo um grosso livro aberto (ou pergaminho enrolado), que está consultando — tendo Merlin nos seus calcanhares, tentando espiar por cima de seu ombro; mas isso enquanto não se volta, uma e outra vez, fazendo sinais de “avante” ou “cuidado” para quem vem atrás, até que aparecem dois servos puxando uma espécie de carreta — com uma mesa de grossas rodas — onde se equilibra algo como um forno (vendo-se a chama) em que fervem misturas nos recipientes os mais estranhos possíveis (forma de ampola de vidro, etc.). De qualquer modo, deve ser uma concepção fantástica, que antecipe, livremente, o *laboratório* da Alquimia, unido a um instrumental de mágicos.

Algum jogo de luz, rápido, e uma dança de tochas — ou algo parecido — executada por mãos quase invisíveis (que as coloquem, depois, nos ferros da parede — constituindo parte da iluminação, como uma constelação de fogos ao fundo), podem ser utilizados paralelamente, como tudo mais que sirva à estranheza da cena. E não é apenas estranheza: ela, deve ser

dito já, representa mais e além da mera sequência dos esforços conjugados, de Merlin e Idrian, para a cura de Arthur — exigida pela Rainha, e que se dará de fato. Ela *muda-se*, torna-se na própria festa em celebração dessa cura — não sendo algo simultâneo, mas, na verdade, o *significado* de festa que se superpõe ao desse quase “ballet” da cura . . . , numa fusão indefinida, tocada pelo aleatório.

Assim é que o tal forno, montado sobre rodas — ou mesa de rodas — é arrastado pelos servos, sob ordens de Merlin, até o centro do palco, ao lado do trono, onde fará as vezes, também, de algum destilador de bebida. Mas, continuando a descrição da ação: ele é arrumado, portanto (e ficam Idrian, Merlin e o Príncipe se ocupando das drogas — trocando de vidro para vidro, etc.) e, em seguida, uma armação de madeira e ferro se projeta, rangente, por cima do trono — e de Arthur, sobre o qual se acende a luz já conhecida (ao passo que ele, tendo a cabeça baixa sobre o peito, vai levantando-a). Tal “armação”, à falta de outra palavra, pode ter qualquer forma (quanto mais rebuscada melhor), mas sua função é simples: fazer descer quatro grossas cordas que, por um processo comum de roldanas, possam ser puxadas, por trás do trono. Isso porque, após a entrada do “carro” (e continuam entrando os figurantes já vistos, carregando canecas e copos), Guinevere e Lancelot se adiantam para o trono e esperam o parar da armação, no alto — e mais as cordas que descem a seguir — para tomar das quatro pontas de corda e começar a amarrar primeiro nos pés e, depois, nas mãos de Arthur, prendendo-o como a um fantoche nos fios que o comandam. A armação deverá lembrar, então, ora um sistema desses fios, no teatro de bonecos, e ora um instrumento de tortura medieval que puxasse por mãos e pés, forçando as articulações do corpo.

A essa altura, com a entrada de todo elenco, Merlin, Idrian e o Príncipe derramam um líquido vermelho numa última garrafa — e desse é despejado (por Idrian) numa grande taça, que passa a Merlin, que passa ao Príncipe, que, por sua vez, sobe ao trono e passa a Lancelot que, afinal, entrega a Guinevere

para que ela dê a Arthur, colocando-lhe na mão (cujos dedos ela abre e fecha sobre a taça).

Circulam outras taças, menores, canecas e copos, entre personagens e figurantes — esses se acercando do “barril-destilador” e sendo servidos, do mesmo líquido, pelos dois servos, ou servindo-se eles mesmos (o essencial é movimento no palco, no circular da bebida), mas sem que ninguém prove — esperando o momento de uma espécie de brinde. (Já é a festa agora). E será Guinevere, seguida de Lancelot, Merlin, Idrian e Tássio em torno do trono, nos degraus, cada um com sua taça, que levantará esse brinde (quando estão todos servidos, no palco), um sinal imediato: o ranger dos ferros da grotesca armação de que pendem as cordas — que se esticam, puxadas. Na verdade, uma somente, “levanta” um braço de Arthur (e a mão e a taça), num movimento de fantoche (com Guinevere adiantando-se, ainda, para guiar-lhe essa taça aos lábios). Bebem todos, então, num brinde silencioso. E entre esses — que devem estar todos — Cedric, o bobo. Está no palco, precisamente. Ele se colocou frente ao trono, portanto, e dando um de seus saltos, chama atenção sobre si, que se apaga a luz sobre o trono — e qualquer outra, eventual, de efeito — para restar um ponto de luz sobre o bobo que, dando outro salto, se dirige à platéia agora, como se fosse a Arthur:

BOBO: Meu Rei!, concedei que também vosso bobo faça um brinde, um brinde especial! . . . O brinde final!, para que riam os convidados, sem os quais a vida idiota do bobo pareceria idiota de verdade.

E dessa vez, rireis vós próprio, meu Senhor — tens, de novo, a saúde e, portanto, motivo para rir.

O mal foi curado — por Merlin, é o que ele diz; pelo outro, é o que se sabe: porque logo adivinhou uma doença de ave . . . ao que parece muito rara, se só se tenta com mulher — embora cumpra variar . . . crescer e multiplicar-nos. Mas nunca se saberá a verdade, já que ambos são mágicos e precisam da mentira, é claro, para se manter — e nunca dirão se foi nada, até, que curou o incurável.

E vós, meu Rei — que sois quem, de fato, importa — aqui estais, são e de volta, ao vosso trono assentado, tendo ao lado a Rainha amada e o cavaleiro do lago... E o mês do mal curado passa!, mas essa gente, que só bebe se não paga, irá lembrá-lo e será sempre festejado, para que se beba à vontade — e a vossa saúde, bem claro... E ao apetite da vida, que não vos falte, porque à vida estás obrigado pelos que vos reanimaram, resgatando-vos do grande sono. E só nos deixarás, Senhor, muito além, no futuro, como os grandes Reis aprisionados... na grandeza própria, pesada, que a batalha aguardam (e nela, a fuga dissimulada)...

É o meu brinde, final: à batalha rápida!... Levanta a taça, bebe rápido, e faz a sua já conhecida vênia irônica, para a platéia, enquanto apaga-se a luz sobre ele.

CAI O PANO.